



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Tábatha Katherine de Souza

**Estruturação de entrevistas do tipo DID/NURC:
Funções do par mínimo P-R**

Campinas
2010

Tábatha Katherine de Souza

**Estruturação de entrevistas do tipo DID/NURC:
Funções do par mínimo P-R**

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Lingüística.

Orientador: Prof^a Dr^a Anna Cristina Bentes da Silva

CAMPINAS
2010

Dedico este trabalho à minha família, aos meus pais que sempre acreditaram em mim e ao meu melhor amigo, companheiro desta minha jornada e eterno amor.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Anna Cristina Bentes, pela participação ativa e direta desde meu primeiro ano universitário por sempre acolher minhas idéias e moldá-las da melhor forma possível, meu eterno agradecimento principalmente pelos momentos em que foi difícil conciliar encontros. Agradeço pela total compreensão e por toda atenção dada a mim.

Agradeço aos meus pais, Lindineu e Mirian, e a meus irmãos, Filipe, Diana e Christoffer por todo tempo que oraram por mim durante meus estudos, pelo apoio nas tomadas de decisões, pelo suporte e pelo amor e carinho de todos. E ao meu amado que em nenhum momento deixou de me apoiar e sempre esteve ao meu lado, Andrew.

*“Eu me interesso pela linguagem
porque ela me fere ou me seduz.”*

Roland Barthes

RESUMO

Partindo de abordagens sociolingüísticas sobre interação e estruturas dialógicas, este trabalho buscou analisar diferentes diálogos, com base nos materiais do Projeto NURC/RJ, produzidos por quatro falantes cariocas, com o objetivo de investigar o funcionamento do par dialógico pergunta-resposta. No referencial teórico, apresento as principais teorias nas quais me baseei e que discutem os subsídios necessários para análise da estruturação dessas entrevistas/diálogos.

Palavras-chave: par dialógico, tópico.

ABSTRACT

From sociolinguistic approaches to interaction and dialogic structures, this study was to examine different dialogues, based on materials from the NURC/RJ, produced by four native speakers, in order to investigate the functioning of the dialogic question-answer pair. In the theoretical framework, I present the main theories on which I based myself and argue that the subsidies needed to analyze the structure of these interviews/conversations.

Keywords: topic; dialogic question-answer pair.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 JUSTIFICATIVA	10
1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA	10
1.3 HIPÓTESE	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Conceito de entrevista	12
2.2 O par pergunta-resposta	17
3. CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS DO <i>CORPUS</i>	24
4. ANÁLISE DO PAR P-R NOS DIDs DO NURC	27
5. CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

Para entendermos as relações que são construídas durante uma entrevista, precisamos em primeiro lugar entender o que seria *interação* e o conceito de *entrevista*. De acordo com alguns autores ‘a conversação é sempre resultante de uma atividade interpessoal desenvolvida entre pelo menos dois indivíduos em situação face a face, dentro de uma configuração contextual de que fazem parte os entornos espaço-temporal e sócio-histórico que unem os participantes’ (Fávero, L.; Andrade, M. 1998), ou seja, é parte fundamental da conversação a interação face a face, o contato frente a frente dos participantes desta interação. Uma das características da conversação é que ela é produzida no interior do corpo da oralidade, ou seja, neste trabalho o foco da análise será na produção verbal no interior de eventos conversacionais. Segundo Goffman (2002 : 17), é em situações sociais que ocorre a fala, sendo que a qualquer momento em que há o encontro de dois indivíduos ou mais é que temos a ocorrência dessa situação social.

Em alguns estudos, como o de Zaniboni (2004), por exemplo, a fala – atividade verbal - pode ser caracterizada como um discurso organizado, ou seja, ela não é aleatória e sua estrutura se dá de forma regular.

Neste trabalho, o enfoque recai sobre as estruturas que compõem um diálogo. Buscando a estruturação da conversação nas teorias de Fávero *et al* (2009) e de Silva (2006), verifica-se que para estes autores a atividade conversacional funciona em pares dialógicos. Para esses autores, a unidade dialógica mínima

Abrange uma produção conversacional seqüenciada entre dois ou mais falantes, em que um deles produz a primeira parte, que pode ser uma pergunta, e o outro produz uma segunda parte, que pode ser uma resposta, condicionada pela primeira. (SILVA, 2006:262).

Ou seja, a partir do momento em que duas ou mais pessoas se encontram, ao se cumprimentarem e iniciarem um diálogo, suas falas fazem parte de uma produção conversacional caracterizada por pares dialógicos mínimos, dos quais o mais importante seja o par dialógico *pergunta-resposta* (doravante P-R).

Neste sentido, este trabalho visa, por meio de observações de inquiridos do tipo DID do projeto Nurc Rio de Janeiro (RJ), produzir uma reflexão sobre a estrutura e o funcionamento do par P-R nesse tipo de entrevista do NURC.

1.1 Justificativa

O presente trabalho se justifica pelo fato de existirem diversos, porém poucos, estudos sobre entrevistas mais específicas, no caso a caracterização das entrevistas que podem ser encontradas no Projeto NURC, mas que não são suficientes para classificarmos as entrevistas do tipo DID do NURC. Veremos mais adiante que as características elaboradas por alguns autores podem se aplicar ou não a essas entrevistas; elas não podem ser classificadas considerando-se apenas um conceito. Daí a importância de uma análise mais aprofundada com respeito a essas entrevistas.

Apesar de alguns estudos caracterizarem a estrutura da conversa como um fenômeno que mantém regularidades em sua estrutura, veremos que nem todas as entrevistas podem ser classificadas da mesma forma, e que principalmente as entrevistas do tipo DID/NURC são heterogêneas e não podem ser concebidas dentro de um padrão generalizado de entrevista.

O *corpus* deste trabalho é constituído por quatro entrevistas que constam do banco de dados do Projeto NURC/RJ; sendo duas entrevistas de mulheres, acima dos 30 anos e cariocas, e dois homens também acima dos 30 anos, cariocas.

1.2 Perguntas de Pesquisa

O objetivo desta pesquisa é o de analisar o papel do par P-R na dinâmica das interações de entrevistas do NURC, em especial as do tipo DID, caracterizando em um primeiro momento o evento entrevista, e depois o par P-R. Nossas perguntas de pesquisa são as que se seguem:

- 1) Quais as características do par P-R em DIDs do NURC?
- 2) Que tipo de papel esses P-R desempenham na estrutura do diálogo?

Dentro dessas perguntas vários pontos serão analisados, entre eles o seguimento tópico, abordagem do mesmo tópico nas quatro entrevistas e as diferenças em relação a cada documentador. Podemos assim estabelecer como pontos importantes dentro das perguntas de pesquisa os elencados a seguir.

Principais semelhanças e diferenças entre:

- i. as interações, ou seja, as entrevistas, caracterizadas por sua heterogeneidade;
- ii. os documentadores;
- iii. os locutores (informantes);
- iv. os tópicos abordados.

Levando-se em consideração algumas perguntas que são importantes para atingir os objetivos propostos, como, por exemplo, a escolha do tópico; seria ela uma escolha livre ou seria a entrevista dirigida pelo documentador? Em casos quando são normalmente as mesmas perguntas, para o mesmo tipo de **tópico**, será que os interlocutores respondem da mesma forma à mesma pergunta? A entrevista pode ser caracterizada como uma entrevista roteirizada?

Essas são as perguntas que nortearão os caminhos de análise do *corpus* dessa pesquisa.

1.3 Hipótese

Teremos diferentes características de perguntas da pesquisa, a pergunta que cada documentador faz, apesar do tópico comum, é diferente de entrevista para entrevista. O papel das perguntas muda em função do diferente tipo de entrevista – no caso as DIDs, o par P-R funciona de maneira diferente nos diferentes inquéritos caracterizados por DIDs. Observando, ao selecionar o *corpus*, os DIDs, foi possível notar que estes tipos de entrevista do NURC, apesar da classificação, não apresentam as mesmas características. Minha hipótese é de que o par P-R vai funcionar diferentemente em função disso.

Em um primeiro momento, será conceituado o evento entrevista e após vou descrever as características das quatro entrevistas selecionadas de forma mais detalhada. A fundamentação teórica (na seção seguinte) é onde vou apresentar os conceitos que vão ajudar a analisar o *corpus*, os dispositivos analíticos na estrutura e função do par P-R.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceito de entrevista

Para darmos início à nossa análise, vamos, em um primeiro momento, caracterizar o evento entrevista, e em um segundo momento caracterizaremos o par mínimo P-R, para, após, casarmos ambos os conceitos para desenvolver uma análise sobre as entrevistas do tipo DID do NURC.

Então, vamos caracterizar o evento entrevista de forma geral nos baseando nos autores Caplow (1984) e Zamouri (1995), *apud* Fávero *et al* (2009), lembrando que consideraremos esses conceitos mais especificamente aplicados nas entrevistas do tipo DID do NURC, ao mesmo tempo considerando o evento entrevista DID como diálogo. Além disso, será analisado o papel do par P-R – conceituado no próximo tópico - na dinâmica das interações nesse tipo de entrevista. Para tanto, utilizei de entrevistas do Projeto NURC/RJ, caracterizadas por entrevistas ou inquéritos do tipo DID que significa Diálogos entre Informante e Documentador. Os tipos específicos de entrevistas do NURC já foram estudados exatamente por apresentarem um caráter diferente de outras entrevistas, como, por exemplo, as televisivas; as características presentes neste tipo de entrevistas, caracterizadas por ser um inquérito, foram particularmente observadas por Barros (1991), citado por Fávero e Aquino (1997). Para ele, neste tipo de entrevistas,

o entrevistador não está preocupado com as informações que o entrevistado possa dar sobre o tema, mas apenas em fazê-lo falar; o que ressalta a importância quanto à manutenção do diálogo, pois a preocupação é lingüística e somente o entrevistador sabe disso. Resulta então que textos do Nurc apresentam marcas específicas que podem diferenciá-los de outros textos de entrevistas que se prestam a alcançar objetivos conversacionais diferentes. (Fávero; Aquino; 1997. p.69)

Isto é, em diálogos/entrevistas do NURC verifica-se certa manutenção quanto à importância de fazer o entrevistado falar, o que nos leva a crer que o conteúdo da entrevista, muitas vezes, não é relevante para o entrevistado já que os tópicos não são definidos em uma prévia negociação. O próprio entrevistado acha que as perguntas não são relevantes para ele responder.

Agora, retomado a dinâmica das interações na entrevistas, consideraremos as características das entrevistas os conceitos elucidados por Fávero *et al* (2009). Em seu trabalho, a entrevista é caracterizada como sendo uma criação coletiva, pois são vários fatores que a constitui; ela produz-se de forma organizada e é onde os interactantes, no caso interlocutor e locutor, constituem relações. Essas relações específicas são caracterizadas por estes autores como relações de dominância ou igualdade, familiaridade ou distância, e elas se estabelecem durante o diálogo. Essas relações aparecem em entrevistas chamadas pelos autores de dilogais e trilogais e amparam o conceito de formação de duos A+B, A+C, B+C.

No caso das entrevistas do NURC (DID) elas se encaixam nesse perfil, porque, além de constituírem uma entrevista dilogal, possuem essas relações específicas em que podemos observar o estabelecimento especialmente de relações de dominância, pois o entrevistador é quem se encontra no controle da direção que vai tomar a entrevista, ou seja, é ele quem administra o tempo, concede a palavra (ao realizar uma pergunta e ceder espaço para a resposta), lança o tópico organizando quando muda de assunto quando volta ao mesmo tema etc.; e neste contexto também entra a relação de distância estabelecida pelos participantes da entrevista, no caso o documentador e o locutor/interlocutor. Esta última se estabelece uma vez que ambos, documentador e interlocutor, não se conhecem e a entrevista não passa de um inquérito - como é chamada; estabelece-se uma distância por possuir um caráter de entrevista com preocupações lingüísticas e nada mais, não há uma inter-relação uma vez que o documentador não se interessa em se envolver com o locutor, como já foi dito, seu interesse repousa em fazê-lo falar.

De modo geral, nas entrevistas do tipo DID do NURC o interesse é especificamente em fazer o convidado falar, e isso é realizado pelo documentador a partir de direcionamentos específicos em relação ao tópico proposto.

As entrevistas do NURC, no caso especificamente as abordadas aqui que são do tipo DID, apresentam diferentes interações, pois vão de acordo com o perfil de quem está sendo entrevistado e do perfil do entrevistador. Uma entrevista pode ser mais monótona outra mais dinâmica, com mais perguntas ou com menos etc., as repostas dos entrevistados podem apresentar indiferença ou proximidade etc., que são aspectos importantes ao classificarmos as entrevistas em entrevistas heterogêneas, exatamente por apresentarem essas diferenças entre si. A entrevista não está focada no entrevistado, mas sim em certos tópicos, no caso do presente *corpus*, em seus momentos de lazer, dentro do tema Vida Social e Diversão; está

voltada no quanto ele fala e em como ele produz esse discurso, ou seja, o foco é lingüístico e não social.

Em interações desse tipo é possível que haja conflito entre os interactantes os quais podem ocorrer “dependendo de uma série elementos, como tópico, grau de familiaridade, profissão, interesses de um modo geral” (Fávero *et al*, 2009 : 31), como podemos perceber no exemplo (Inquérito 0052) a seguir em que tem-se a entrevista do NURC do tipo DID na qual o documentador a fim de dar continuidade ao tópico esporte-futebol introduz uma pergunta que, aos ‘ouvidos’ do locutor, parece óbvia sendo que ele não entende a finalidade da pergunta.

(1)DOC. - e o que que o juiz faz?

LOC. - como assim? com... o que que ele faz? bom... ele... geralmente... fica ali...

DOC. - você me perdoe... mas realmente...

LOC. - você não conhece?

DOC. - pro meu trabalho... eu preciso ter informações ()

LOC. - ah... eu... pouco conheço...

Nesse exemplo, o que observamos pela resposta do locutor é que, na verdade, a pergunta não foi uma boa pergunta. Segundo Fávero *et al*, quanto mais longa a conversação, maior é então a possibilidade de existir um desacordo entre as partes. Porém, por este exemplo acima, podemos observar que o desacordo acontece em função do tipo de pergunta que o documentador faz. O que não é precisamente o que a teoria de Fávero *et al* nos afirma, neste caso observamos que o diálogo não precisa ser longo para que aja certo desentendimento, não há coerência conversacional e sim um conflito entre as partes. Por haver esses tipos de desacordo presentes em algumas entrevistas é que alguns autores as classificam em entrevistas assimétricas, em que o interesse de um está acima do outro.

Como define Marcuschi (1986: 16) *apud* Fávero *et al* (2009: 38):

Os textos de entrevistas são usualmente tomados em termos dialógicos como tipicamente assimétricos, em razão de um dos participantes ter o direito de iniciar, dirigir, concluir a interação e exercer pressão sobre o outro participante. (Fávero *et al*, 2009: 38)

Por isso, as entrevistas são normalmente compreendidas como assimétricas por constituírem um diálogo em que se percebe maior dominância de uma parte, um maior dirigismo do entrevistador sobre o entrevistado.

Vejam os dois exemplos abaixo. Ambos são recortes de início de entrevistas, mostram a forma como dois documentadores diferentes iniciam suas entrevistas.

(Inquérito 0019)

(2) Doc.: Você pode falar de você, onde trabalha (sup.)

Loc.: (sup.) Sim, é? É. Bem, eu sou carioca e como boa carioca eu sou sociável. Gosto de (...)

Observa-se neste exemplo apresentado o dirigismo presente em entrevistas dilogais assimétricas mencionado por Marcuschi. Nota-se, pela fala do documentador, o dirigismo; ele propõe o tópico, ou seja, ele dirigiu um tópico específico o qual ele quer que o locutor fale a respeito. E o diálogo/entrevista começa a partir daí.

Agora observe o segundo exemplo, Inquérito 0293, outra forma ‘aplicada’ pelo documentador para iniciar a entrevista e em que podemos observar que não há dirigismo algum. Sendo este abaixo um exemplo contrário, é possível dizer que o documentador neste caso específico deixa o assunto à mercê do entrevistado, o qual inicia sua fala de forma confusa sem saber exatamente por onde começar.

(3) Doc.: Bom, podemos começar.

Loc.: Você quer que ... Bom, aqui, minha casa, né? Bom, ah, uh, eu ... Nós somos uma família de ...

Eu (inint.) três filhos? Não? Sim. Ahn, é uma família de três filhos que vivem aqui em casa (sup.)

Doc.: (sup.) Sim, pode falar (sup.)

Loc.: É uma família de três filhos que vivem (...)

Este é um exemplo que nos leva a contestar se o dirigismo não seria necessário para início de entrevistas, ou mesmo no decorrer delas; ou seja, um fato que poderia ser visto de forma positiva no sentido de organização conversacional de entrevistas do tipo DID/NURC. Pelo exemplo, percebe-se que, sem essa direção tópica por parte do documentador no começo da entrevista, a fala do locutor é uma fala inicialmente desconexa, pois há confusão sobre o que falar; até que o próprio informante decide sobre qual assunto ele vai começar sua fala, ao mesmo tempo em que espera uma aprovação do documentador sobre o tópico escolhido por ele.

Mesmo se tratando de diferentes documentadores e diferentes locutores, o tema das entrevistas é o mesmo: Vida Social e Diversão, porém notamos uma diferença na forma como essas entrevistas são iniciadas. Os exemplos mostram o dirigismo presente em um inquérito do tipo DID enquanto no outro o documentador não dirige nada. O que podemos

notar é que de fato há dirigismo nessas entrevistas, e que ele é necessário. A maioria das entrevistas vai ser bastante dirigida, no entanto há dirigismo em alguns momentos e em outros não.

Segundo Fávero *et al* (2009: 38), é possível observar em entrevistas assimétricas dois aspectos:

De um lado pode ocorrer um grau elevado de dialogicidade em função do fato de que o entrevistador pode deixar o texto transcorrer de tal forma que este não seja identificado como um mero monólogo. De outro lado, temos aquele entrevistador que, muitas vezes, mal deixa o entrevistado completar seu enunciado, cortando ou sobrepondo-se a sua fala, detectando-se um “dirigismo” na tarefa executada pelo entrevistador, que imprime um ritmo em sua pauta, preestabelecendo as respostas de modo que obtenha determinados resultados do entrevistado. (Fávero *et al*, 2009.p.39)

Isto é, na entrevistas caracterizadas por serem assimétricas, é possível perceber por parte do entrevistador certo dirigismo no que diz respeito aos tópicos abordados, à duração de quanto tempo vai se falar sobre o tema proposto, quando a entrevista será encerrada etc., a ele cabe a escolha de continuar falando ou de terminar a entrevista.

A seguir mais exemplos dos inquéritos que fazem parte do *corpus* deste trabalho, e que exemplificam de uma melhor forma as afirmações feitas.

No dado a seguir vemos não só a questão do dirigismo tão presente neste tipo de entrevistas, mas, com mais clareza, vemos a relação de dominância estabelecida entre os interactantes, a qual se apresenta na fala do documentador ao interromper a fala do locutor, sobrepondo-se a ele.

(4)Doc.: É. Que tipo de composição?

Loc.: Bom, deixa eu te dizer, de Chopin eu gosto ...

Doc.: Espera aí um instantinho. A senhora estava falando de Chopin, das composições

Este segmento exemplifica a questão da assimetria e do dirigismo em que o entrevistador mal deixa o entrevistado, no caso o locutor, completar sua fala quando a corta repentinamente. A fala do documentador neste caso apresentado não se apresenta com características de uma P, e sim de apenas um comentário direcional, ou seja, um comentário que faz o locutor parar e ser redirecionado pelo documentador novamente para o alvo inicial de tópico que o documentador tinha em mente. Podemos então ver que há algumas, porém poucas, formulações do documentador que não correspondem a perguntas, estão mais para um

comentário em relação ao que diz o entrevistado. Às vezes para dar continuidade ao tópico, o documentador usa como estratégia o comentário. Assim, podemos verificar que a entrevista não se estrutura só por meio de P-R, mas também por meio de comentários. Observe o trecho a seguir.

(5)Loc.: Sábado eu vou sempre com os amigos, né? E domingo eu reservo pra família, né? (risos)

Doc.: (risos) Para não reclamarem, né? (risos)

Loc.: Exatamente.

Neste exemplo, podemos ver que o documentador estabelece com seu informante uma relação de familiaridade no lugar de dominância. É possível perceber que por sua resposta/comentário nota-se que é um fato real pelo qual ele já passou ou pelo menos tem conhecimento sobre. Então aqui não identificamos um caso de dominância ou dirigismo, pelo contrário, podemos com este dado verificar que, em quase todas as afirmações feitas pelos autores, tem-se sempre um caso, mesmo que único na entrevista, que vai contra a argumentação usada para definir as entrevistas DID do NURC como tipicamente assimétricas.

2.2 O Par Pergunta-Resposta

As perguntas constituem parte do que alguns autores denominam de formações lingüísticas; com elas, ao observar como se inserem no texto, é possível detectar que tipos de interações estas formações promovem e analisar o modo como participantes de uma entrevista – que é uma atividade interacional – constroem seus textos e elaboram seus enunciados. Além disso, estas formações lingüísticas “permitem a organização do texto falado, especificamente o de entrevistas” e, ao serem formuladas, atuam de forma estratégica no desenvolvimento da construção do discurso, pois servem como elemento dinamizador da interação verbal. (Fávero *et al*, 2009). As perguntas fazem parte do chamado par dialógico mínimo, e seu par é a resposta.

Neste trabalho, tem-se como principal base teórica os trabalhos de Fávero, Andrade e Aquino (2006) e Fávero *et al* (2009). Para estes autores, para se constatar um par dialógico mínimo ele deve ser

Adjacente; produzido por falantes diferentes; ordenado, isto é, uma primeira parte é seguida de uma segunda parte; formado de duas partes: cada primeira parte tem uma segunda específica; e, por fim, deve ser governado por uma regra conversacional, ou seja, produzindo a primeira parte do par, o falante corrente para de falar e o próximo

falante deve produzir, naquele instante, a segunda parte do mesmo par. (Fávero; Andrade; Aquino,2006:468)

Assim sendo, o par mínimo pergunta-resposta foi considerado por estas autoras como um par dialógico ordenado e específico e presente em entrevistas dialógicas. Por isso, de acordo com as definições destas autoras, será analisado o papel do par dialógico P-R na dinâmica das interações do tipo de entrevista do NURC. Essa entrevista é caracterizada como entrevista do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), em que fazem parte apenas um locutor e um documentador, que pode ser identificado também por entrevistador.

As P-R são formações lingüísticas que promovem e permitem a organização do texto falado em vários níveis, e de acordo com estes autores atuam de forma a delinear graus diferentes de interação. (Fávero *et al.* 2009:39)

Para estes mesmos autores e Silva (2006) as perguntas são formações lingüísticas que se constituem de suma importância para a análise de textos falados, pois se a conversação constitui-se de turnos alternados, é a seqüência pergunta-resposta que tem a função de coordenar estes turnos (Ibidem: 263). Lembrando que, no par dialógico, ‘R é qualquer enunciado que esteja relacionado coerentemente com a P formulada previamente’. (Fávero; Andrade; Aquino, 2006:469). O falante escolhe uma determinada R, não porque a relação P-R seja uma questão formal, mas por existir um sistema de negociação entre os participantes e que tem em vista as possibilidades de continuação tópica, conhecimento partilhado, fatores de contextualização etc.; porém, observa-se também que esta escolha da R certa (ou seja, coerente à sua P) parte do locutor e a opção pela R mais correta depende somente dele. Com no exemplo a seguir, a R do locutor foge ao padrão estabelecido pelos autores, pois a R não se encaixa no ‘sistema de negociação’ proposto por eles. Inquérito 0052, documentador perguntava sobre as posições dos jogadores de futebol.

(6)Doc.: quais são?

Loc.: bom... obviamente... tem um goleiro... dois zagueiros... dois do meio de campo e um na... frente... fazendo a... ponta de lança... como eles...

Doc.: qual a função de cada um?

Loc.: como assim? bom... aí pra explicar... os zagueiros ficam plantados... próximo à área..(...)

Em seu texto, as autoras Fávero, Andrade e Aquino (2006) trabalham sobre os fatores função, discurso e forma, do par P-R, para analisar as estratégias discursivas das quais os falantes fazem uso no processamento discursivo.

Assim, trabalham inteiramente com o conceito de par dialógico, suas estruturas e funções no discurso. Além disso, elaboram as características do par P-R ao estabelecerem que ele é quem estabelece a coerência conversacional pois está associado ao tópico discursivo. Isto é, estão relacionados, pois um diálogo se organiza por meio de tópicos uma vez que é possível verificar que em uma conversa, na introdução de um novo tópico ou mudança dele, quem normalmente o introduz é uma pergunta. Como alguns autores observam (Fávero *et al*, 2009:43), “na entrevista cria-se um jogo duplo de comunicação e interação entre entrevistador e entrevistado. O entrevistador pode, a qualquer momento, tomar o turno e mudar o tópico discursivo em desenvolvimento e mudar a direção da entrevista.”.

Observe o exemplo (inquérito 0293) onde há introdução de um tópico por meio da elaboração de uma pergunta.

(Doc e Loc falavam sobre reuniões familiares quando o documentador introduz um novo tópico)

(7) Doc.: A senhora gosta de música, dona E.?

Loc.: Demais, adoro música.

Doc.: Que tipo de música a senhora gosta?

Loc.: Eu gosto, eu gosto de música clássica

Outras características interessantes a respeito do par dialógico P-R, além da questão de estar totalmente relacionado ao tópico no que diz respeito à introdução, mudança, redirecionamento deste, seria quanto às divisões das perguntas em Ps Abertas ou Fechadas, que é a classificação quanto à forma; além disso podem ser divididas quanto à sua natureza. Isto é, segundo as autoras (Fávero, Andrade e Aquino, 2006), foram registrados os seguintes tipos de par P-R, quanto à natureza, que são: aqueles que expressam *pedidos de informação*, *pedido de confirmação*, *pedido de esclarecimento* e por último *pergunta retórica*. Além de todas estas classificações sobre o par, existe mais uma categoria proposta por Zaniboni (2004) a qual foi denominada como *comentário* e que designaria a exposição de uma opinião ou de uma idéia do falante sobre o assunto tratado no turno de seu interlocutor.

Embora não tenha caráter interrogativo, o comentário exige que o interlocutor (também) faça uma exposição de idéias e/ou de argumentos para que haja progressão tópica. Dessa forma o comentário compreende uma atividade verbal que, por exigir maior grau de elaboração para a construção do enunciado, exige, conseqüentemente, uma atividade cognitiva mais ‘refinada’. (Zaniboni, 2004:112)

Retomando a caracterização do par dialógico quanto a sua forma, classificação que faz que a forma possa ser considerada decorrente do processo interacional e não interior a ele (Fávero; Andrade; Aquino, 2006:468), temos que as Perguntas *fechadas* são marcadas por restringirem semanticamente suas Rs (respostas), isto seria, por exemplo, em perguntas que buscam informação, a resposta resume-se em um **sim** ou **não**. Essas perguntas, conforme Silva (2006:280) esclarece, fazem com que o locutor responda às perguntas com repostas em formas afirmativas ou negativas, empregando advérbios próprios ou similares ou, como muitas vezes acontece, o verbo pode ocupar o lugar do sim na resposta. Semanticamente a idéia passada é a mesma: uma resposta afirmativa à pergunta – fechada - elaborada pelo entrevistador. A P fechada deveria restringir sintática e semanticamente sua R correspondente (Fávero; Andrade; Aquino. 2006:470), porém é possível que após uma P fechada siga-se uma R de outro tipo, que preencha as condições de uma P aberta.

Observe a diferença entre (8), em que a resposta está restringida à pergunta, e (9), em que a resposta foge aos padrões da restrição:

Inquérito 0293 (mulher carioca)

(8) Doc.: A sua família é grande?

Loc.: É, a minha família é grande sim.

(9) Doc.: E vocês se reúnem, costumam se reunir?

Loc.: Sim. Eh, geralmente, com minha mãe. Da família dela, ela é a mais velha da, de todos os irmãos que ainda estão vivos, não é? Entao geralmente qualquer reunião de quando há família assim, ou um natal, um ano-novo, geralmente a reunião é em, em nossa casa, sabe? Aos domingos também ...

Podemos observar que, no primeiro exemplo, R é uma correspondente básica, que se encaixa nos requisitos de uma P fechada com uma R correspondente a ela, do tipo sim/não. Já o segundo exemplo (apenas resposta parcial do interlocutor), pode-se perceber que mesmo sendo uma P fechada, sua R, na verdade, preenche as condições de outra P, caracterizada por P aberta, que será definida logo a seguir. Ainda no primeiro exemplo (8) verifica-se a afirmação de Fávero, Andrade e Aquino (2006) quando dizem que ‘as Rs são formuladas a partir da repetição dos elementos lingüísticos da estrutura de P, que são retomados parcial ou totalmente’, pois há repetição de quase todo o enunciado do documentador na resposta do locutor.

Com relação às Ps Abertas, Silva (2006) as define como perguntas sobre algo, são marcadas principalmente por suas características contrárias às Ps fechadas. Normalmente, as Ps abertas são iniciadas por pronomes interrogativos (*Onde? Como? Quando? O que? Qual?* etc), agora, uma característica que pode ser dada para marcar uma R de uma P aberta é o fato de serem introduzidas por um *marcador* que funciona como um adiantamento da R. E de acordo com os autores mencionados, o marcador conversacional marca o adiantamento da R correspondente ao mesmo tempo em que ajuda a manter a atividade da fala. É importante também salientar que no par dialógico

R é qualquer enunciado que esteja relacionado coerentemente com a P formulada previamente. R pode constituir-se, dessa maneira, de outra P, de Rs parciais, de declarações de ignorâncias do assunto, de negação da relevância de P, de detalhamento da pressuposição de R etc. (Fávero; Andrade; Aquino. 2006:469)

De acordo ainda com Fávero, Andrade e Aquino (2006), o par P-R serve como um indício de que existe compreensão no diálogo, isto é, após uma pergunta – um enunciado com características de uma P – tem-se uma resposta que é coerente à P elaborada e se encaixa dentro do padrão esperado de uma R. Além disso, o par dialógico P-R está associado ao tópico discursivo, que é o fator que estabelece a coerência conversacional, uma vez que atua como um organizador na construção do diálogo. A conversação funciona por meio de tópicos, por isso a construção tópica está relacionada ao par P-R.

Segundo as mesmas autoras, P e R não funcionam aleatoriamente, têm uma ordenança e por isso são os principais responsáveis pela organização conversacional, além do mais esse par possui uma função muito importante na manutenção tópica, sendo que dentro dessa função podemos destacar como principais:

- Introdução de tópico;
- Continuidade tópica;
- Redirecionamento de tópico, e
- Mudança de tópico.

Assim, temos que quando um interlocutor quer **introduzir um tópico**, normalmente, este tópico é introduzido por uma P. Veja no exemplo abaixo (Inquérito 0293), para introduzir novo tópico, o documentador utiliza dessa estratégia para sair do antigo tópico ‘dança e música’ e introduz o tópico ‘jogos’:

(10) Doc.: A senhora, a senhora, o pessoal da sua família, vocês por acaso gostam de jogar?

Loc.: Jogar (sup.)

Doc.: (sup.) Esses jogos assim tradicionais (sup.)

Loc.: (sup.) Ah, sim, sim, buraco, né? Buraco, gostamos,...

Ou seja, através de uma P o documentador consegue introduzir um novo (super)tópico.

Com respeito à **continuidade tópica**, entende-se que essa é uma estratégia usada pelos interlocutores – no caso aqui, também documentador – para dar prosseguimento ao tópico recorrente; (Inquérito 0060)

(11) Doc.: Qual é o peixe que normalmente o senhor pesca?

Loc.: Bom, lá mesmo na Ilha dá muito é cocoroca. Mas dá pra se tirar uns badejos e já saiu garoupa, pescada se pega freqüentemente, corvina, papa-terra, michole, xerelete, eh, guaibira, bagre.

Doc.: *E sempre dá muito peixe assim?*

Loc.: Não, tem semana que não. Ainda agora mesmo, no feriado, foi a melhor pescaria que...

Percebe-se que pela P utilizada para dar desenvolvimento ao tópico recorrente, a R é coerente, pois foi proposto pelo documentador um pedido de informação e dependendo dele mesmo a continuidade desse tópico ou não, ou seja, não basta apenas a pergunta ser uma pergunta que indique o desejo de se continuar no tópico por parte do documentador, mas tem de haver também interesse e colaboração por parte do interlocutor ao formular sua R.

No Inquérito 0019, a seguir, o documentador **redireciona** o tópico, que no momento falavam sobre recreação infantil, reintroduz o tópico que estavam falando antes:

(12) Doc.: Mas voltando um pouco o assunto, você, quando nós falamos em diversão noturna, vida noturna, você me parece que conhece muito o teatro, mas (sup.)

Loc.: (sup.) Conheço um pouco (sup.)

(13) Doc.: Espera aí um instantinho. A senhora estava falando de Chopin, das composições.

Loc.: É. Eu gosto das sonatas (sup.)

Neste exemplo, Inquérito 0293, o redirecionamento é mais explícito quando se percebe que o documentador faz uso não necessariamente de uma P, mas de uma sentença que exija do interlocutor uma R que o faça retornar ao tópico desejado pelo documentador.

E por fim, a **mudança de tópico** em que as autoras relacionam o uso desta estratégia com ‘problemas decorrentes de referentes não compreendidos, ou por esgotamento de assunto ou por não se querer falar mais daquele tópico, observa-se a possibilidade de ocorrência de uma P’, que como já dito funciona como uma estratégia de mudança de tópico. (Fávero; Andrade; Aquino, 2006: 479). Observe a seguir (Inquérito 0019).

- (14) Loc.: Bom, eh, Pernambuco tem uma música muito boa, interessantíssima, é o frevo, né? E além disso tem um ... Eu acho que o nordeste todo é muito rico em folclore, né?
Doc.: *Agora outro tipo de diversão, por exemplo futebol* que (inint.) você (inint.) não gosta...
Loc.: (sup.) Não. Não, eu não gosto. Não, absolutamente (sup.).

Observe a mudança de tópico por parte do documentador saindo do tópico ‘músicas regionais’ para o tópico Esporte, com a introdução de não necessariamente uma pergunta, mas um pedido, um enunciado que força o locutor a interromper o que estava dizendo para prestar atenção ao que o documentador está pedindo. Este tipo de mudança normalmente ocorre por indicar que o tópico anterior já estava se esgotando.

Neste sentido, é interessante notar como o diálogo vai se construindo por meio desse par dialógico e sua natureza e principalmente sua função dentro da estrutura da organização do diálogo, especialmente em entrevistas do tipo DID do NURC.

É assim que com forte embasamento teórico, por meio destes trabalhos e teorias mencionados, que a análise do escolhido *corpus* será guiada, tendo como eixo principal o papel do par dialógico P-R em entrevistas do tipo DID do Projeto NURC.

3. CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS DO CORPUS

Neste tópico discutirei sobre o que caracteriza cada entrevista de uma forma geral. Todas as entrevistas foram coletadas no *site* do Projeto NURC/RJ, e escolhidas por sua classificação temática: *Vida social e diversão*. Foram escolhidas quatro entrevistas, sendo duas de homens e duas de mulheres.

As entrevistas são denominadas entrevistas do tipo DID, pois se realizam entre documentador e interlocutor somente, sem nenhum intermediário. Assim, DID significa Diálogos entre Informante e Documentador.

Todos os entrevistados são pessoas que possuem um grau de escolaridade superior e são cariocas, moradores do Rio de Janeiro. As entrevistas selecionadas são duas de mulheres, uma com 51 anos e outra com 48 anos, e mais duas de homens, um com 42 anos e o outro com 39 anos¹.

No entanto, veremos que mesmo essas entrevistas sendo classificadas por temas que deveriam guiar todo o diálogo de forma semelhante, notamos que isso não acontece sempre.

A primeira entrevista é o Inquérito 0293, locutor feminino com 51 anos de idade. Inicia-se com o documentador fazendo um comentário dando ‘permissão’ para que o locutor fale – qualquer coisa. É marcada por muitas perguntas em sua maioria fechadas, porém com repostas que variam de tamanho dependendo do tópico abordado. Não se nota espontaneidade no diálogo. O documentador procura elaborar suas perguntas de acordo com as respostas do locutor; percebe-se que o foco das perguntas está no supertópico família. As respostas do locutor são relativamente grandes quando se referem a esse tópico. As respostas são menos longas quando se referem a músicas em geral, carnaval e folclore; repostas curtas se dão quando o assunto abordado é jogos de azar/cartas. A locutora pareceu colaborar em todas as perguntas e não se apresentou entediada. A entrevista durou 45 minutos.

A segunda entrevista é o Inquérito 0019, locutor do sexo feminino, 48 anos de idade, formação superior; durou 40 minutos. Em todas as respostas da locutora podemos ver que ela se caracteriza por ser uma pessoa que viajou muito, apresentando conhecimento de outras culturas. É possível perceber também que ela tem facilidade em falar, em manter um diálogo e respondeu a todas as perguntas de uma forma completa. O único tópico que a locutora demonstrou não ter o mínimo interesse em falar sobre foi Esporte. Porém, o

¹ Os dados aqui inseridos podem ser encontrados no *site* do Projeto NURC/RJ, e em suas respectivas entrevistas.

documentador insistiu no assunto, o que o limitou a uma pergunta; suas respostas neste tópico foram curtas e negativas. Foi possível observar também que o documentador procurou abordar vários tópicos além de música e esporte. Ele introduziu perguntas sobre alimentação, vida social (faz visitas, conversa etc), teatro (que tem a ver com a profissão da locutora), religião, e cultura de outros países. Em geral, essa entrevista, tal como a anterior, pode ser caracterizada pelo dirigismo, pois em vários momentos o documentador insistiu em tópicos, aparentemente, não interessantes ao locutor; no entanto, o documentador foi um entrevistador polido em suas perguntas, usando formas verbais como “você poderia”, “eu pediria que você falasse”, “se você pudesse citar”, entre outras formas de abordagem.

A terceira entrevista (Inquérito 0060) é de um locutor do sexo masculino de 42 anos de idade, carioca e grau de escolaridade superior; a entrevista durou 40 minutos. O interessante nessa entrevista é que ela se inicia com uma fala do locutor sobre seu barco. Daí em diante, percebe-se que o documentador aproveita a informação dada pelo locutor e faz perguntas seguidas sobre barco e pesca; sendo que todas as perguntas deste início de entrevista foram perguntas abertas, o que deu mais espaço para respostas mais amplas e completas do locutor. Toda a entrevista girou em torno do mesmo tópico: pesca. Porém o documentador ainda introduziu tópicos como esporte, família, música; além disso, as perguntas do documentador foram acompanhando as respostas do locutor na maioria dos casos, a não ser quando ele queria introduzir novos tópicos. Uma marca desta entrevista e que a torna particular, é a indicação de um longo silêncio. Para o retorno do diálogo, a solução do entrevistador foi recorrer novamente ao tópico esporte.

A quarta, e última entrevista (Inquérito 0052), é de um locutor masculino, com 39 anos de idade. Nesta, o tempo de duração não é informado. A entrevista já começa com uma direção tópica por parte do documentador, ele pede que o locutor fale ‘detalhadamente’ sobre o que ele faz durante semana, em termos de diversão, de atividade social. O curioso nesta entrevista é que ela foi a única em que o documentador já deixou explícito de início que o interesse dele era focar o tema atividade social na vida do locutor. Além disso, essa entrevista é caracterizada por notar-se certa indisposição do locutor ao responder algumas perguntas que, para ele, ‘pareciam’ óbvias demais.

É importante salientar a configuração da entrevista (ou inquéritos) do Projeto NURC, no caso os DIDs, em que é possível observar certa distância entre entrevistador e entrevistado, produzindo um efeito de frieza entre eles, no que diz respeito ao diálogo e ao coro natural que ele deveria ganhar.

É interessante notar as observações de Fávero e Aquino (1997) sobre o caráter específico de entrevistas do Projeto NURC/RJ; além de haver uma preocupação estritamente lingüística, em que somente o entrevistador – ou documentador - sabe disso, o locutor ou informante está ali na verdade para preencher um espaço-resposta, ou seja, ele é apenas uma fonte de informações. Nos inquéritos do tipo DID, do Projeto NURC/RJ, as Ps e Rs “correspondem, na maioria das vezes, a pedidos de informação [(classificação quanto à natureza)] e funcionam como Ps introdutoras de tópico ou subtópico.” (Fávero; Andrade; Aquino:476). Isto é, as perguntas têm uma função importante que é a de colher informações, seja lingüística, seja social.

Além disso, essas autoras salientam o papel específico e diferenciado das perguntas nestes inquéritos, que por muitas vezes acabam por constituir-se em elementos criadores de situações não presentes em conversações espontâneas, como no exemplo a seguir. (Inquérito: 0052 – masculino):

(1) Doc.: Quais são esses lances? você vai me dar uma idéia... assim... dos desenrolar de uma partida...

Loc.: Pois é... bom.. **como eu disse... anteriormente...** existem as regras do futebol...

Este é um exemplo em que notamos o que estas autoras explicitam, de que são poucos os momentos de espontaneidade que podem ser notados em diálogos do tipo DID; neste diálogo (1), a R elaborada pelo locutor demonstra certo enfado, pois o que podemos perceber é que o documentador parece não prestar atenção ao que o locutor está falando; além disso, a R demonstra ao documentador que eles já haviam tratado desse tópico anteriormente na entrevista, assim o locutor torna a avisar o documentador sobre sua pergunta e sua irrelevância neste momento, já que este assunto já foi abordado anteriormente. O traço do dirigismo é sempre presente pelo que podemos notar, isto é, existem algumas características presentes nestas entrevistas que nos ajudam a observar que existe a possibilidade de classificá-las como roteirizadas.

Neste trabalho, para a análise das quatro entrevistas selecionadas e acima descritas, serão consideradas as classificações das Ps e Rs quanto à sua natureza em abertas e/ou fechadas e de acordo com isso as classificaremos sobre suas funções em relação à organização conversacional, ou seja, os tópicos.

4. ANÁLISE DO PAR P-R NOS DIDs DO NURC

Após observarmos as características de cada uma das entrevistas, partimos para uma observação mais profunda com base nas teorias já citadas. Com as diferenças de características entre as entrevistas mostradas anteriormente, é possível notar o que fora exposto como minha hipótese neste trabalho: que o par dialógico P-R vai funcionar diferentemente de entrevista para entrevista, justamente em função das diferenças existente entre elas.

Já vimos que perguntas e respostas formam uma unidade dialógica mínima que são bases fundamentais para que haja organização conversacional; afinal, é difícil imaginar um diálogo sem a presença de perguntas e respostas. É possível identificar que existe uma dupla relação entre o par P-R: as perguntas antecipam e restringem semanticamente as respostas, e uma é dependente da outra. Normalmente, as perguntas formuladas em entrevistas funcionam como chaves na organização do texto falado, são usadas na maior parte das vezes para introduzir novos tópicos e sempre para extrair informações.

Nesta seção, pretendemos responder às perguntas de pesquisa sobre quais as características do par P-R em DIDs do Nurc, e que tipo de papel esses P-R desempenham na estrutura do diálogo. Para abordar estas questões de uma forma mais ampla entre as entrevistas, escolhemos por levantar uma questão que aconteça em todas as entrevistas, como a introdução de um mesmo tópico, e a forma como ele foi abordado pelos documentadores e como foi recebido pelos locutores.

O tema das entrevistas é o mesmo: *Vida social e diversão*. Então, todos os tópicos serão guiados para assuntos que abordem temas ligados à diversão, vida social em geral. Porém, notamos que alguns assuntos-chaves são abordados de diferentes maneiras em cada entrevista, por parte do documentador. Também observaremos a forma como os locutores respondem às perguntas, levando em consideração a estratégia de uso do par P-R.

Nas teorias, foi visto que uma das principais funções do par P-R é a de coordenar turnos, ou seja, numa conversação ou diálogo e no caso entrevistas o par estabelece uma organização com respeito à ordenação do turno conversacional. Quem introduz a pergunta, quem responde e quando, quando mudar para outro tópico conversacional e assim por diante. Além disso, o par dialógico é usado estrategicamente como forma de conduzir a entrevista implementando assim o dirigismo; veremos que isso sempre acontece e que por causa dessa característica presente em entrevistas do tipo DID/NURC é que elas são classificadas em

entrevistas assimétricas. Para isso, seguiremos com um exemplo em que poderemos verificar com exatidão as ocorrências de alguns fatos teóricos.

Por exemplo, com relação à introdução do supertópico Esporte, veremos nas quatro entrevistas selecionadas como cada documentador faz para introduzir um tópico que é comum a todas as entrevistas, o assunto-chave dentro de um tema específico; e assim, observaremos a estratégia usada por cada um deles, tanto para introduzir o tópico como para mantê-lo. Portanto, a seguir, temos como cada entrevista trata sobre o mesmo tópico esportivo e como se desenvolve sobre ele, considerando as características específicas do par P-R em entrevistas.

Entrevista 1 (0293)

Nesta entrevista, notamos que o locutor se interessa mais quando o assunto gira em torno da própria família, como filhos, filhas e parentes, reuniões familiares etc. Vejamos como o documentador introduz o tópico esporte.

(antes falavam sobre música regional, carnaval; a locutora estava falando dos instrumentos que compõe a bateria de uma escola de samba)

Doc.- A senhora, a senhora, o pessoal da sua família, vocês por acaso gostam de jogar?

Loc.- Jogar (sup.)

Doc.- (sup.) Esses jogos assim tradicionais (sup.)

Loc.-(sup.) Ah, sim, sim, buraco, né? Buraco, gostamos, mas raramente se joga. Aqui em casa meus filhos não gostam e eu, gozado, eu, eu, eu gosto de jogar quando eu não estou muito cansada porque eu acho que o jogo prende muito a atenção, né? Então quando eu não estou muito cansada eu gosto de jogar. Passatempo, né? Às vezes todo sá... todo domingo aqui quando nós nos reunimos geralmente nós jogamos um pouco de buraco (sup.)

Como podemos perceber a pergunta é introduzida com o documentador se dirigindo à locutora por ‘A senhora’, depois o documentador muda de ideia e passa a dirigir a pergunta ao ‘pessoal da família’, talvez por que ele tenha percebido anteriormente pelas perguntas já respondidas que o interesse da locutora está quase sempre voltado a coisas que envolvam sua família. Perceba que a pergunta de forma instigante é usada para extrair uma informação: “por acaso gostam de jogar?”, e assim sendo classificada em pergunta fechada, que leva o locutor à responder à pergunta seja de forma positiva ou negativa. Um pouco mais adiante nesta mesma entrevista a locutora deixa claro qual sua afinidade com o esporte(jogos):

Loc.- (sup.) Ah, sempre buraco, aqui em casa é sempre buraco. Acho que nem, nem sei, acho que ... Só. Eu só ouço elas falarem em buraco. Eu não gosto não sou ... Não gosto muito de jogo não, sabe?

O documentador, no entanto, insiste em manter o tópico e faz uso de uma pergunta para dar continuidade ao tópico e não deixar que o assunto se encerre por ali; então sua saída foi redirecionar a pergunta:

Doc.-E os seus filhos quando eram crianças, eh, brincavam de algum jogo?

É interessante notar que no final da resposta anterior a locutora deixa claro sua posição com relação aos esportes: ela não gosta. O documentador leva em consideração a resposta, mas isso não faz com que ele mude de tópico, permanecendo no mesmo; sua estratégia de desenvolver o tópico faz com que ele somente refaça a pergunta envolvendo-a com relação aos seus filhos. Portanto é aí que entra novamente a ação da pergunta, a de manter um mesmo assunto, como se agisse para resgatá-lo, não permitindo ao locutor um espaço de tempo para se desviar do que foi proposto pelo documentador.

Um pouco mais a frente na mesma entrevista, notamos que a locutora chega a tocar neste mesmo assunto lembrando os tempos de quando era mais nova; o documentador aproveita e faz novamente uma pergunta que envolva o tópico esporte, porém, usando o verbo no passado, pois tem a ver com sua juventude. Na resposta da interlocutora, a seguir, que embora siga a uma P fechada observa-se que seu enunciado é longo; e por mais que não seja característica de uma R (de um P fechada) ser longa, ela pareceu satisfazer a P elaborada pelo entrevistador. Tanto podemos notar que, logo após a resposta da locutora, o documentador encerra a entrevista.

Doc.- (sup.) A senhora praticava algum outro esporte além de natação e vôlei?

Loc.- Não, só. Era só isso. Era natação, vôlei, basquete não. Nós sempre ... Era mais vôlei. Basquete eu nunca joguei não. Pingue-pongue também nós fazíamos muito, né, porque, eh, nós tínhamos, morávamos em casa e tínhamos aquela mesa, né, de pingue-pongue. Sempre jogávamos muito pingue-pongue. Tínhamos assim uma, uma, um grupo muito grande de moças e rapazes, sabe, que, que é, morando em bairro e em casa, né? Eu só vim morar em apartamento quando eu voltei de Belém, eh, que foi em mil novecentos e sessenta e um que eu comecei a morar em apartamento. Eu sempre morei em casa. Então sempre nós tivemos assim esporte livre mesmo assim ... Tínhamos, tínhamos uma mesa enorme de pingue-pongue e jogávamos muito.

Doc.-Está bom.

Uma boa questão a que isso nos leva é indagar que interesse poderia ter para o documentador ou para o desenvolvimento do diálogo perguntar sobre algo que o locutor já demonstrou não ter familiaridade ou interesse, e por que o documentador insiste em voltar ao assunto? Em entrevistas desse tipo é fácil existir conflitos, pois a interação se torna complicada por haver conflitos de interesse, e principalmente por haver dominância por uma parte sobre a outra, caracterizando as entrevistas assimétricas. Este é um fato que tende a se manifestar nas próximas entrevistas da mesma forma.

A segunda entrevista, de uma mulher de 48 anos, é mais interessante na forma como o mesmo assunto foi abordado, principalmente com o uso de uma pergunta por parte do documentador carregada pela partícula negativa “não”. Podemos verificar que quando o documentador introduz uma questão que usa o advérbio de negação, ele já introduz a possibilidade de uma resposta fechada e negativa, demonstrando insegurança em sua pergunta, não dando espaço para o desenvolvimento do assunto.

Entrevista 2 (0019)

(introdução do tópico esporte)

Antes falavam sobre folclore no Brasil, quando há interrupção deste para a introdução do novo tópico.

Doc.: Agora outro tipo de diversão, por exemplo futebol que (inint.) você (inint.) não gosta (sup.)

Loc.: (sup.) Não. Não, eu não gosto. Não, absolutamente (sup.)

Doc.: (sup.) Qualquer tipo de jogos (sup.)

Loc.: (sup.) Não sou absolutamente esportiva. Embora eu goste muito de um, num dia de verão ir à praia e passar o dia na praia, o dia inteiro, só voltar à noite, mas não sou esportiva. (riso)

Em seu trabalho, Fávero *et al* (2009), como em outros, afirma que uma das características presentes em entrevistas do tipo DID é que nestas entrevistas “há o interesse em fazer o convidado falar, a partir de direcionamentos específicos em relação ao tópico proposto”; certamente que há interesse, porém o documentador deve ter mais atenção na forma como propõe o tópico já que seu interesse repousa em fazer o locutor falar. Como se pode observar na entrevista acima, o tópico proposto é falar sobre esporte, e tudo que envolva esse assunto em geral, porém o interesse da locutora sobre o assunto é claro, ela é direta em sua resposta, demonstrando não querer desenvolver o tópico. Como na entrevista anterior, há uma leve insistência do documentador e a estratégia que ele usa, no caso, para se certificar se existe a possibilidade ou não da locutora falar sobre o proposto é usar do que fora mencionado

por Fávero *et al*, o direcionamento específico que o documentador usa é : “Qualquer tipo de jogos?”, que pode ser traduzido por: “Não há nenhum tipo de jogo que lhe atrai? Absolutamente?”.

É interessante notar que mesmo após uma resposta negativa por parte do locutor o documentador insiste querendo dar continuidade num tópico que não tem progresso. Isso nos mostra que pode ser que exista um regulamento na forma como a entrevista deve ser dirigida, isto é, demonstra existir um indício de que ele necessita seguir certo protocolo de questões. Caso contrário, por que haveria tanta insistência do entrevistador em um tópico não atrativo ao locutor? Como ocorre insistência por parte do documentador, a locutora não vê outra saída a não ser colaborar e dar uma resposta que pareça satisfazê-lo, pois ela se vê presa a este assunto.

No exemplo a seguir, como no anterior, da mesma entrevista, o documentador insiste no mesmo tópico, sendo que a locutora pareceu deixar bem claro seu interesse neste tipo de assunto. Podemos notar que a forma como ele propõe o pedido à locutora que tente conversar sobre o assunto é por meio de uma pergunta; forma estrategicamente usada para dar continuidade ao tópico, mesmo que não tenha sido desenvolvimento como supostamente ele imaginaria; o documentador insiste na participação do locutor no desenvolver do tópico, como pode se observar no trecho abaixo.

Doc.: Você não aprecia nenhum tipo de esporte ou não acompanha nenhum tipo de esporte?

Loc.: Não, a não ser no campeonato (riso) mundial que naturalmente todo mundo (inint.) fica vidrado no, no vídeo (sup.)

Doc.: (sup.) Você podia falar um pouco disso?

Loc.: De esporte (sup.)

Loc.: (sup.) Mesmo que você não frequente eu pediria que falass... que você falasse um pouco sobre os esportes que você conhece.

Loc.: É, sim realmente eu, eu não sou conhecedora de esportes, (riso) não sabe, não, não, eu conheço muito pouco. Vejo futebol, como já disse, nesses momentos assim que todo mundo assiste e torce pelo Brasil, que.....

Veja que logo a primeira pergunta do entrevistador é uma pergunta que deseja obter uma informação a respeito de seu entrevistado; embora as perguntas com negação representem um traço de polidez, neste caso, ela também apresenta certa falta de interesse por parte do documentador, uma vez que, para quem busca extrair o máximo de informações

possíveis, ele não deveria iniciar um tópico com uma pergunta que incentive uma resposta restritiva, dando chance ao locutor de negar sua participação e não desenvolver o tópico.

O documentador identifica que o locutor não tem intimidade e não se interessa sobre o assunto: Esporte; podemos notar pelos marcadores adversativos em sua pergunta: “Mesmo que você não freqüente” que ele pede mesmo assim que o entrevistado fale um pouco sobre o tópico proposto. Além do dirigismo presente, isso seria mais um fato que nos leva a crer que talvez exista um protocolo de questões a ser seguido pelo documentador nestes tipos de entrevistas, e que em todos os casos existe certo dirigismo por parte do entrevistador. Isto é, ele ‘comanda’ a entrevista ao insistir em um mesmo tópico por várias vezes, ou introduzindo outro ou redirecionando, retirando todo e qualquer caráter de espontaneidade de entrevistas desse tipo.

Em:

Doc.: (sup.) Você podia falar um pouco disso? ,

é possível notar que o documentador não está interessado no conteúdo ou no desenvolver de um diálogo propriamente dito espontâneo, pois ao fazer a pergunta carregada de um ar de imposição, ele demonstra que seu interesse realmente está em fazer o locutor falar, e nada mais, ou seja, aparentemente, ele não está interessado em saber se o locutor gosta de esportes ou não, ele só quer que o locutor fale, qualquer coisa, sobre o tópico proposto.

Podemos observar que todas as vezes que o documentador tentou introduzir o tópico esporte ele fez uso de uma pergunta. O que mais nos interessou observar foi que estrategicamente o par P-R não foi usado de uma maneira a conseguir a informação desejada. Por exemplo, todas as perguntas elaboradas pelo documentador são caracterizadas por sua forma fechada, ou seja, a pergunta fechada exige uma resposta com o uso do *sim/não*, o que restringe o locutor.

Entrevista 3 (0060)

(introdução do tópico esporte)

Entrevistador perguntava sobre horas de lazer, sobre o clube do qual o locutor faz parte e aproveita pra pergunta sobre esportes.

Doc.: O senhor disse que esse negócio de pescaria é coisa mais recente. Então antes, quando o senhor era mais jovem, qual era o esporte que o senhor gostava?

Loc.: Não, antes, fora da minha vida de trabalho, era a vida de clube também. Inclusive fundou-se um clube aqui perto de casa, eu participei de algumas diretorias lá. De formas que fora do trabalho o

tempo era usado ali no clube, na diretoria do clube, né?

O direcionamento aqui é simples, o documentador é explícito e direto em seu interesse ao propor seu tópico. A forma como ele o introduz é mais estratégica do que dos outros, ele logo o propõe fazendo uso de uma pergunta aberta – iniciada por um pronome interrogativo: *Qual era o esporte que o senhor gostava?*. As perguntas abertas permitem ao locutor desenvolver uma R mais abrangente, pois ao contrário de uma P fechada, sua função não é a de restringir nem sintática nem semanticamente sua R correspondente.

Como afirmam Fávero, Andrade e Aquino (2006), a P funciona como um recurso conversacional para o locutor, pois uma vez que o interlocutor percebe que houve desvio de tópico, ele redireciona-o por meio de uma pergunta, reintroduzindo o tópico, ao mesmo tempo em que traz de volta o locutor ao assunto proposto. Como no trecho a seguir, da mesma entrevista, o documentador age de forma que consiga extrair mais informações do locutor sobre o tema Esporte, então ele reintroduz o tópico ao qual ele queria se manter, e ainda não permite que ele o encerre tão rapidamente, inserindo mais um pergunta que funcione de forma a dar continuidade tópica. Observe:

Doc.: E antes assim de o senhor casar, quando tinha maior disponibilidade, quando era rapaz?

Loc.: Bom, aí era cinema, bailes, né?

Doc.: **E esporte?**

Loc.: Só bola mesmo, mas em garoto, mas jogo assim, não de coisa organizada não. Jogo de praia, jogo de campo mesmo, assim perto de casa.

Doc.: O senhor gostava?

Loc.: Toda semana jogava. Mas nunca fui nenhum valor não. (risos)

Doc.: **Mas tinha por hábito assim sempre participar de um jogo?**

Loc.: Não, isso toda semana, lá quando eu solteiro, lá em Laranjeiras, nós jogávamos bola toda semana, né? Feriado, se tinha, também. Mas era só futebol mesmo e praia, né? Futebol também na praia.

Perceba que o documentador insiste em saber do locutor mais informações sobre esse mesmo tema:

Doc.: Outro esporte assim o senhor nunca praticou?

Loc.: Não, não.

Com Ps desse tipo, como no último exemplo, do tipo fechada, o locutor se depara com uma pergunta restrita e ele entende, ou deduz, que sua R correspondente deva ser um *sim* ou *não*. Essa pergunta, que é um pedido de informação, passa a impressão de que o documentador necessita que a informação passada antes pelo locutor seja sustentada. Após uma pergunta fechada, o que se espera mesmo é uma R restrita, e no caso anterior, uma resposta negativa e curta do locutor. Quando a pergunta ocorre com um advérbio que a marque (no caso acima: *nunca*), sua R correspondente tende a usar o mesmo advérbio, ou algo semanticamente igual a ele. Logo, a resposta dado pelo locutor é uma R que corresponde a uma P fechada; sendo assim, o advérbio que faz parte da R não é mera coincidência com o fato de ser uma P com características de uma P fechada., mas sim com o fato também de ter ocorrido na pergunta um advérbio.

O entrevistador tenta dar continuidade ao tópico que para ele de alguma forma é relevante e redireciona a entrevista para um tópico mais geral, como diversão, porém tendo como supertópico: esportes.

Doc.: E o que que o senhor acha assim por exemplo **em termos de esporte**, assim **diversão**, eh, assim da sua época pra época por exemplo das suas filhas, agora? Acha que mudou muito ou continuam a ser as mesmas coisas?

Loc.: Mudou. No terreno do esporte?

Doc.: É, o que se faz mesmo assim como diversão, fora do trabalho.

Loc.: Bom, no meu tempo de colégio por exemplo, os colégios eu acho que davam mais apoio a isso, né, inclusive lá no colégio que eu estudava tinha ônibus, o pessoal ia pra basquete, pra vôlei e futebol mesmo, né? E tinha torneios intercolégiais, né? Coisa que hoje eu não sei se existe, mas eu pelo menos não ouço falar, né? A D. agora mesmo me falava um dia desse que ia ter um jogo do colégio dela com outro colégio e até chegou a pensar em acompanhar lá a turma. Acabou não indo, né? Mas eu acho que...

O documentador dá a entender que, em sua opinião, ‘diversão’ está diretamente relacionado a esporte, o que obviamente não é verdade. Porém, quando ele propõe uma nova pergunta, e diz: “em termos de esporte, assim, diversão”, identificamos haver uma falha de comunicação, ou de clareza, a respeito do que realmente o documentador gostaria de saber. Por isso a R correspondente à pergunta elaborada pelo entrevistador é uma R que apresenta ser um pedido de esclarecimento quanto ao conteúdo do enunciado. Isto é, percebe-se pela R

do locutor que ele solicita uma explicação em relação ao enunciado da pergunta elaborada pelo documentador, e obtém uma R que demonstra que sua solicitação foi atendida.

Entrevista 4 (0052)

Esta última entrevista é a que melhor se apresenta em termos de se considerar como uma entrevista que mais se encaixa para se caracterizar como um diálogo. O mais interessante nesta entrevista, é que o tópico esporte não foi proposto pelo entrevistador, como nas outras entrevistas; ao contrário, o documentador soube aproveitar sua relação com o locutor e o tópico que já estava se desenvolvendo e aproveitou para direcionar uma pergunta que envolvesse o tópico ‘esporte’. Ou como alguns documentadores parecem igualar o tópico esporte ao tópico diversão.

Nesta entrevista, o documentador se aproveita de uma situação em que eles estavam falando sobre reuniões familiares, o documentador pergunta se essas reuniões têm um motivo especial, e o locutor menciona que normalmente não ficam muito juntos; então o documentador não deixa que a entrevista termine e lança a pergunta: “e fim de semana, sempre aqui no Rio?”, é na resposta a esta pergunta que o documentador vê a oportunidade de introduzir o tópico esporte, mesmo que sutilmente. Observe o trecho:

Doc.: e fim de semana... sempre aqui no Rio?

Loc.: não não... os fins de semana... eu geralmente tenho um hobby... todo mundo tem... o meu talvez seja mais sadio... porque a minha distração é o esporte... então... eu dedico praticamente o fim de semana meu... a uma espécie de higiene mental... eu pratico... pratico não... corro atrás de uma bola... durante uns noventa minutos e isso nós vamos geralmente com um grupo de colegas... pra fora ou lá pra:: uma residência nossa em Petrópolis... onde nós temos um campo... ou então pra clubes mesmo... há em Nogueira... esses clubes campestres... então nós vamos lá... bater uma pelada () e:: às vezes... também... assim... escassamente... eu vou... jogar futebol... num clube conhecido aqui no Rio... no clube dos trinta..onde se reúnem várias pessoas... inclusive... pessoas... conhecidas... aí no meio social... como Mielle... Jacinto Tormes... Raimundo Nogueira e uns que não tem o que fazer... no fim de semana... e vão... se reunir pra lá...

Doc.: como vocês organizam esses... jogos?

Loc.: bom... a organização é simples... geralmente aparecem vinte... trinta pessoas... então... nós fazemos... partidas... dividimos em número de pessoas... de três a quatro equipes... e fazemos estas

partidas durante quatro horas... cinco horas...

A partir daí segue-se uma seqüência de perguntas que envolvem o subtópico jogos, todas as perguntas a partir desse ponto são perguntas abertas que foram usadas para desenvolver o tópico, o qual o documentador insiste em manter. Por isso levamos em consideração o fato de esta entrevistas ser a mais próxima de um diálogo do que as outras, devido à grande quantidade de perguntas abertas a mais que todas as outras três.

Veja a seguir, o documentador desejava encerrar o assunto, por esgotamento ou por não ter mais interesse em desenvolvê-lo, porém pela R do documentador – em que se segue uma P- verificamos insistência em permanecer no mesmo tópico, além disso, é possível identificar a relação de dominância presente, e assimetria clara desse tipo de entrevistas.

Loc.: (...)... eu acho que futebol... acho que já falei demais...

Doc.: não... eu gostaria de saber mais sobre futebol... e dentro... assim... e dentro do profissional... essas posições são diferentes?

Observe que o documentador, através de sua fala, impõe sua vontade sobre o locutor, firmando-se mais uma vez o dirigismo característico de entrevistas do tipo DID, do NURC.

Além disso, o que mais caracterizou essa entrevista foi a abordagem usada pelo documentador para extrair do locutor o que ele desejava. Podemos interpretar que na verdade o entrevistador não se interessava pelo o que o locutor respondia, mas somente em fazê-lo falar. Para isso, o entrevistador usou estrategicamente do par P-R, pois o importante era não deixar o entrevistado fugir do assunto, assim o documentador utilizou de perguntas abertas em todo o momento em que se referiu ao esporte/jogo para extrair informações. As perguntas abertas fazem com que o locutor não se sinta restringindo em relação a sua resposta, dando uma resposta mais elaborada e mais rica em informações e detalhes que uma R correspondente a uma P fechada.

5. CONCLUSÃO

As principais semelhanças e diferenças entre as interações foram apontadas ao longo da análise. Sendo assim possível classificar as entrevistas em entrevistas heterogêneas, devido a essa diferença e à assimetria presente em todas as entrevistas do *corpus*.

Neste trabalho, para trabalharmos essas características, abordamos o papel do par dialógico P-R, que são classificados como formações lingüísticas, e suas funções dentro das entrevistas que fazem parte do *corpus*. As Ps e Rs foram observadas em algumas conversações nos inquéritos do tipo DID (diálogos entre informante e documentador).

Ao analisar o *corpus*, verificamos que o dirigismo é algo freqüente em entrevistas do tipo DID do NURC; os documentadores se mostraram preocupados em atingir uma ‘meta’, a de preencher um relatório imaginário, se assim podemos dizer, pois é inacessível e desconhecido ao locutor, mas não do documentador. Como pudemos verificar, o importante no decorrer das entrevistas é não deixar o entrevistado fugir do assunto que o entrevistador quer firmar como relevante. E no caso deste trabalho, exemplificamos este fato com o recorte específico de um tópico abordado por todos: esporte.

No *corpus* que faz parte desta pesquisa, verificamos que toda a vez que o documentador queria e buscava extrair uma informação, ele o fazia por meio de uma pergunta; assim, verificamos que a atuação do par P-R foi presente durante toda a entrevista. Embora o documentador usasse sempre de uma pergunta para ‘interrogar’ o entrevistado, sabemos que o interesse dele na verdade estava em somente fazer o entrevistado falar, seu papel era restritamente lingüístico; por isso, quanto mais o locutor falava, e quanto mais o documentador conseguia cumprir isso, melhor para o entrevistador. O par dialógico foi observado nesses respectivos recortes em relação a um tópico específico e a forma como ele foi abordado por todos os documentadores em cada entrevista e a forma com cada locutor respondeu a ele. O par P-R ajudou a coordenar os turnos, uma vez que ele atua de forma a estabelecer uma reciprocidade entre os interactantes. Ou seja, uma parte dependia da outra, quando era introduzida uma pergunta, logo vinha uma resposta que correspondesse coerentemente com essa P.

O que também se pode perceber nestes dados é que, realmente, o conteúdo das entrevistas do tipo DID do Projeto NURC/RJ não é relevante para o entrevistador, visto que seu foco é lingüístico. As entrevistas parecem seguir um padrão de tópico conversacional, apesar do mesmo tema *Vida social e Diversão*, as entrevistas não são semelhantes quanto ao

conteúdo, nem quanto à estrutura. Porém, o que se verificou foi a forma como assuntos-chaves foram abordados de maneira semelhante usando o par dialógico P-R para os fins necessários.

Em todas as entrevistas os tópicos bordados foram introduzidos por uma pergunta, além disso, nessas entrevistas verificamos a existência da relação de dominância presente entre os participantes, sendo dominância por parte do documentador. Nota-se que por estes motivos as entrevistas foram classificadas como heterogêneas e assimétricas, devido ao dirigismo presente em todas elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FÁBIO, Aresi.; FLORES, Valdir. O funcionamento enunciativo do par pergunta-resposta em situação de clínica dos distúrbios de linguagem. *Caledoscópio*, Vol 6., n2, 2008. p.86-95.

FÁVERO, L. L. *et al.* **Interação em diferentes contextos**. Campinas, 2009.

FÁVERO, Lopes; AQUINO, Gaspar. Textualização de produções orais formais – o caso da entrevista. In: KOCH, I. V.; BARROS, K. S.M.(Org.). **Tópicos em Linguística de texto e análise da conversação**. Natal-RN : EDUFRN, 1997. p.67-72.

FÁVERO, Lopes; ANDRADE, Maria L.C.V.; AQUINO, Zilda G. Perguntas e Respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado. In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M.(Org.). **Gramática do Português Falado, volume IV: Estudos descritivos**. Campinas: Editora UNICAMP. 2006. p.465-499.

FÁVERO, Lopes; ANDRADE, Maria L.C.V; AQUINO, Zilda G. Discurso e interação: a reformulação nas entrevistas. Publicado em *Delta*, v.14, no Especial, 1998. p.91-103.

SILVA, Luiz A. Perguntas e respostas: oralidade e interação. In: PRETI, D. (Org.).

Oralidade em diferentes discursos. Projeto Paralelos – NURC/SP. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. P.261 -295.

ZANIBONI, L.F. Pausa e par dialógico: (Co)Relação na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson. In: *Estudos Linguísticos XXXIII*, p. 1110-1115, 2004.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B.T; GARCEZ ,P.M.(Org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

<http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj/> Acesso em agosto de 2010.